

reformulação sôbre encontros vocálicos no português

LEONOR SCLiar CABRAL

Estudando a ocorrência de certos encontros vocálicos bastante frequentes, no português, deparamo-nos com a necessidade de reformular o conceito de hiato, conforme vem sendo difundido em grande parte de nossas gramáticas. Referimo-nos aos encontros vocálicos tais como:

"éia" /eya/: "européia" /ewro'peya/;
"óio" /oyu/: "bóio" /'boyu/;
"eia" /eya/: "ceia" /'seya/;
"eio" /eyu/: "medeio" /me'deyu/;
"oio" /oyu/: "apoio" /a'poyu/;
"oiã" /oyã/: "apoiamos" /apoy'amus/;
"aia" /aya/: "aia" /'aya/;
"aio" /ayu/: "caio" /'kayu/;
"aiã" /ayã/: "caiamos" /kay'amus/;
"óia" /oya/: "bóia" /'boya/;
"óie" /oyi/: "bóie" /'boyi/;
"eie" /eyi/: "medeie" /me'deyi/;
"oia" /oya/: "apoiarei" /apoy'a'rey/;
"oió" /oyɔ/: "coió" /koy'ɔ/;
"oie" /oye/: "apoiemos" /apoy'emus/;
"aie" /aye/: "vaies" /'vayes/;
"aió" /ayɔ/: "paiol" /pay'ɔl/.

Por outro lado, observemos encontros tais como:

"oia" /oyay/: "apoiais" /apoy'ays/;
"oiem" /oyēy/: "apóiem" /a'poyēy/;
"ciem" /eyēy/: "penteiem" /pē'teyēy/;
"aiõe" /ayōy/: "saiões" /say'ōys/;
"oiei" /oyey/: "apoici" /apoy'ey/;
"eiam" /eyāw/: "penteiam" /pē'teyāw/;
"aiam" /ayāw/: "caiam" /kayāw/.

Várias têm sido as posições dos estudiosos brasileiros quanto a esses encontros vocálicos e, em consequência, onde deverá ser feito o corte silábico.

Podemos assinalar aqueles que os consideram como resultantes de dois ditongos sucessivos, um decrescente e outro crescente. Situam-se, entre estes, os professores Evanildo Bechara: "Desenvolvem-se um /y/ semivogal (chamado em gramática *iode*) ou /w/ semivogal (chamado uau) nos encontros formados por ditongo decrescente seguido de vogal final ou ditongo átono: praia = prai-ia; cheia = chei-ia; tuxaua = tuxau-ua; goiaba = goi-ia-ba". O Prof. José Oiticica, também, segue a mesma corrente: "houve, em português, uma ditongação, seguida de um i consonantal não grafado, como se fôsse: *guai-ia-nás*. Em *maior*, temos, na realidade, *mai-iôr*, como em feia, ouvimos, *fei-ia*, sendo o primeiro i vocálico e o segundo, claramente consonantal. Logo, sem possível dúvida, o *ei* é ditongo".

Outro grupo defende a existência de um ditongo decrescente, formando hiato com a vogal seguinte. Podemos citar, como representante, o Prof. Adriano da Gama Kury que, com a coerência e simplicidade peculiares à sua obra didática, foi o único dos autores consultados a formular uma definição de encontro vocálico, abrangendo, também, a sequência de vogais e semivogais em sílabas diferentes: "quando, a uma sílaba terminada por vogal ou semivogal, se segue outra iniciada por um desses fonemas, a enunciação sucessiva de ambos produz um efeito acústico característico — o hiato" e, entre os exemplos, *cai|air*, *bai|úca*. Exemplos de ditongos citados pelo autor: *idéia*, *meia*, *apoio*".

Cumpra ressaltar que o Prof. José Otíçica também se mantém perfeitamente coerente em sua definição de ditongos e hiatos, já que apenas reconhece a existência de vozes e consonâncias.

Finalmente, há uma corrente, defendida pelo Prof. J. Mattoso Câmara Jr., pela qual se deve fazer uma distinção entre o fonético e o fonológico. Do ponto de vista fonético, o autor, citando Antenor Nascentes, reconhece a existência de uma dupla ditongação, ou então, aceita a possibilidade de uma variante livre em que o falante pode silabar como ditongo crescente ou decrescente. Do ponto de vista fonológico, Mattoso Câmara reconhece a existência dos ditongos decrescentes, considerando irrelevantes os crescentes, que podem ser pronunciados indiferentemente como hiatos⁴, salvo a semivogal /w/ depois de /k/ ou /g/ formando ditongo com a vogal seguinte.

Seja qual for, porém, a posição, é forçoso reconhecer que as definições dos encontros vocálicos, em particular, do hiato, não cobrem, em geral, o fenômeno em aprêço:

"Hiato — encontro de vogais em sílabas diferentes".

"Hiato é a sucessão de duas vogais em sílabas diferentes. Na própria palavra *hiato* há um hiato⁶".

"Hiato: duas vogais consecutivas pronunciadas em sílabas distintas, produzem um efeito acústico chamado hiato⁷".

"Hiato é o encontro de duas vogais em sílabas diferentes por guardarem sua individualidade fonética⁸". (Não entendemos o que o autor quer dizer com individualidade fonética, pois na cadeia da fala, os fonemas se realizam contrastando uns com os outros, sucessivamente, quer sejam vogais, semivogais ou consoantes.)

Do ponto de vista puramente fonético, quer articulatório ou acústico, pode-se observar perfeitamente, uma curva descendente e ascendente na passagem do [y] ou [w] entre vogais. As dificuldades para a análise desse encontro vocálico são várias.

Em primeiro lugar podemos assinalar a própria natureza das semivogais, fonemas de transição entre as vogais e consoantes. Resultantes de uma articulação em que a cavidade bucal apresenta um mínimo de abertura, o efeito acústico é muito semelhante ao das consoantes. Haja visto a neutralização que se opera com /l/ no dialeto carioca, conforme "carnaval" /karna'vaw/. As posteriores e anteriores mais altas do português podem funcionar ora como centro silábico, ora como fonemas marginais, sendo de notar pequenas diferenças fonéticas entre uma e outra realização.

Isto, em absoluto, não contraria a diferença entre vogais e consoantes. O antigo conceito, provindo dos gregos, de que somente as vogais poderiam ser centro silábico, está superado pela descrição de outras línguas. A conclusão dos gregos se aplicava ao grego, mas não se poderia aplicar ao inglês, em que podem funcionar como centro silábico [l], [r], [u], por exemplo. A rigor, o conceito de centro silábico é relativo, isto é, sejam quais forem as definições de sílaba (e a polémica é grande), o comum de todas é apresentarem o centro silábico ou ápice, em relação aos fonemas marginais, não podendo estes colocar-se em qualquer ordem e sim obedecendo a um crescimento do início da sílaba até o ápice e um decréscimo a partir desse até o término.

Podemos citar dois autores, para a exemplificação:

"A ação das cordas vocais não é essencial para a formação da sílaba: não a determina. Mas a sílaba acha-se quando exista um máximo de sonoridade, quer dizer, um som vocálico, que, qualitativamente, se distingue melhor que a consoante⁹" (teoria da perceptibilidade).

"Al ser las vocales más perceptibles que las consonantes, esto parece indicar que cada sílaba corresponde a un ápice de la curva de perceptibilidad. Esto explicaria que una consonante como [l] colocada entre dos consonantes menos perceptibles que ella, como [v] o [k] puede desempeñar el papel de ápice de la sílaba, como en checo *vlk* "lobo", o que una vocal como [i] en contacto con una vocal más abierta como [a], en contextos como [ia] o [ai], pueda no formar ápice silábico distinto: en portugués *comédia*" e mais adiante, "La silabación depende, pues, de múltiples factores que están lejos de ser conocidos perfectamente¹⁰".

Os estudiosos diferem quanto aos fatores, referindo-se uns, à perceptibilidade, outros, à sonoridade, à intensidade, à explosão e implosão, ao impulso expiratório, ao ritmo, ao grau de abertura, à maior articulação ou a vários desses fatores conjugados. Mas, salvo os antigos, os conceitos giram em torno da relatividade, tomando como ponto de referência o centro ou máximo silábico.

Com relação à sílaba no português, a vogal é absolutamente necessária à sua existência. A semivogal funciona como fonema marginal nos ditongos e tritongos; quanto a considerá-la fonema distinto do /i/ e /u/, o assunto apresenta, também, algumas controvérsias. O simples fato de /i/ e /u/ serem centro silábico e as semivogais, marginais, não é por si suficiente para o estabelecimento de uma oposição, mesmo que a realização apresente diferenças, como assinala Rosetti.